

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

GT 1 – Teorias Sociológicas: Desafios Perenes e Questões Emergentes

**Adorno, leitor e crítico de Durkheim: tensões entre a teoria crítica da
sociedade e a sociologia**

Anouch Neves de Oliveira Kurkdjian

Programa de Pós-Graduação em Sociologia, FFLCH - USP

INTRODUÇÃO

Introdução à sociologia, livro póstumo, reúne as lições do último curso ministrado por Theodor W. Adorno, na Universidade de Frankfurt, em 1968. O conjunto de aulas pode ser considerado uma espécie de resumo de décadas de trabalho sociológico de Adorno, que veio a se tornar, nos anos 1950, um dos representantes principais da corrente chamada Teoria crítica da sociedade. Seu curso tem como pano de fundo mais imediato o debate teórico que se desenrolava naquele período na Sociedade Alemã de Sociologia e que ficou conhecido como “Controvérsia em torno do positivismo”. De maneira resumida, a posição dos autores frankfurtianos nessa polêmica era acusada de ser demasiadamente abstrata, distante da realidade empírica, mais próxima de uma filosofia sobre a sociedade do que propriamente uma sociologia.

Cabe ressaltar desde o início que o termo “positivismo”, utilizado por Adorno tanto no curso introdutório à sociologia, quanto nos textos em que expunha sua posição dentro dessa polêmica epistemológica, não designava somente os teóricos do chamado “Círculo de Viena”, que na década de vinte e trinta desenvolveram as bases do chamado empirismo lógico. Trata-se, antes, de um conceito com significado mais amplo, que indicava uma posição cientificista, orientada pela valorização do dado empírico imediato em detrimento da elaboração teórica sobre o mesmo, sendo esta última entendida na melhor das hipóteses como secundária ou, na pior, como um procedimento ideológico e subjetivo.

Ao longo das dezessete aulas que compõem o curso, Adorno procura apresentar e justificar a abordagem sociológica frankfurtiana, ancorada na defesa da relação indissociável entre pesquisa empírica e dimensão teórica do conhecimento, sempre contrastando suas próprias posições com as concepções tradicionais de sociologia. Na verdade, não se trata de mero contraste; antes, o procedimento de Adorno é mais bem caracterizado como uma crítica à tradição sociológica, crítica esta feita não a partir de um ponto exterior a ela, mas uma crítica imanente, que procura investigar os conceitos e os problemas sociológicos de cada época em busca das tendências sociais mais profundas contidas neles. Nesse percurso, destacam-se comentários de Adorno a respeito da produção sociológica que lhe era contemporânea, mas, principalmente, vem à tona sua leitura dos sociólogos clássicos, dentre eles Émile Durkheim.

Esse texto se propõe a apresentar a leitura e a crítica de Adorno à concepção de sociologia de Émile Durkheim, autor que se destaca na história da disciplina como aquele que alçou o campo do saber sobre a sociedade ao status ciência autônoma. A interpretação de Adorno foi formulada de maneira mais clara nas aulas do curso mencionado e também no texto de introdução à edição alemã do livro *Sociologia e filosofia*, de Durkheim, de modo que estes consistem em nosso *corpus* textual básico. Espera-se que essa exposição possa evidenciar a especificidade da teoria crítica da sociedade em relação à sociologia tributária das concepções metodológicas de Durkheim e apontar as possíveis contribuições da teoria crítica para a reflexão sociológica atual.

DURKHEIM E O MÉTODO SOCIOLÓGICO

Émile Durkheim (1858 – 1917) destaca-se na história da sociologia como o autor que orientou seus esforços tendo em vista a tarefa de alçar o campo do saber sobre a sociedade ao *status* de ciência autônoma. Para tanto, Durkheim via como fundamental estabelecer um método estritamente científico para o estudo dos fenômenos sociais, empreendimento que ele realiza de maneira sistemática em seu livro *As regras do método sociológico* (1895). Em oposição à filosofia, que estuda a vida social por meio do desenvolvimento lógico de conceitos que existem tão somente em um plano ideal, a sociologia, para Durkheim, deveria buscar “estender à conduta humana o racionalismo científico, mostrando que, considerada no passado, ela é redutível a relações de causa e efeito que uma operação não menos racional pode transformar a seguir em regras de ação para o futuro¹”. Assim, embora reconheça que historicamente a sociologia teve origem nas doutrinas filosóficas, o método sociológico defendido por Durkheim pretende ser totalmente desvinculado de qualquer metafísica, tendo como seu fundamento somente o raciocínio experimental e a explicação causal dos fenômenos sociais. A respeito disso, Durkheim afirma:

Por ter nascido das grandes doutrinas filosóficas, a sociologia conservou o hábito de se apoiar em algum sistema do qual se acha, pois, solidária. Assim, ela foi sucessivamente positivista, evolucionista, espiritualista, *quando deve contentar-se em ser sociologia e nada mais*. [...] Tudo o que ela [a sociologia] pede que lhe concedam

¹ DURKHEIM, Emile, **As regras do método sociológico**, São Paulo (SP): Martins Fontes, 1999. P.XIII

é que o princípio de causalidade se aplique aos fenômenos sociais. E, ainda assim, esse princípio é por ela estabelecido não como uma necessidade racional, mas somente como um postulado empírico, produto de uma indução legítima².

Mas antes de definir categoricamente o método adequado ao estudo dos fenômenos sociais, era necessário, segundo Durkheim, delimitar quais fenômenos poderiam ser assim caracterizados. Desse modo, a primeira tarefa da metodologia consiste em delimitar o campo e os limites da sociologia. A necessidade de tal procedimento se faz ainda mais clara, segundo Durkheim, quando se nota a dificuldade de delimitação dos fenômenos sociais, uma vez que esse qualificativo pode ser empregado para caracterizar todo e qualquer fenômeno que acontece no interior da sociedade. Isso é um problema grave para o ideal de cientificidade sustentado por Durkheim, pois a ausência de distinção impediria que se constituísse um domínio próprio e exclusivo da sociologia, que se veria imiscuída no campo da biologia e no da psicologia.

Assim, Durkheim propõe-se a demonstrar a viabilidade da sociologia existir como ciência autônoma por meio da determinação de um objeto que lhe é exclusivo e que só pode ser explicado sociologicamente: o fato social. De acordo com o autor, o fato social tem as seguintes propriedades: 1) ele é externo à consciência dos indivíduos, tanto histórica quanto logicamente³; 2) ele é dotado de um poder imperativo e coercitivo frente ao indivíduo, e impõe sanções que podem ser facilmente identificadas quando não é cumprido; 3) seu substrato é a sociedade ou o grupo social. Desse modo, os fatos sociais distinguem-se tanto dos fenômenos orgânicos, na medida em que consistem em ações e até mesmo representações, quanto dos fenômenos psicológicos, que existem somente na consciência individual.

Nas situações em que a distinção entre os fenômenos propriamente sociais e suas encarnações individuais for de difícil constatação⁴, deve-se lançar mão de

² DURKHEIM, Emile, **As regras do método sociológico**, São Paulo (SP): Martins Fontes, 1999, p. 145–146.

³ “Quando desempenho minhas tarefas de irmão, de marido ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, eu cumprio deveres que estão definidos, fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Ainda que eles estejam de acordo com meus sentimentos próprios e que eu sinta interiormente a realidade deles, esta não deixa de ser objetiva; pois não fui eu que os fiz, mas os recebi pela educação”. *Ibid.*, p. 2.

⁴ “Assim, não é só a sua generalidade que pode servir para caracterizar os fenômenos sociológicos. Um pensamento que se encontra em todas as consciências particulares, um movimento que todos os indivíduos repetem nem por isso são fatos sociais. Se se contentarem com esse caráter para defini-los, é que os confundiram, erradamente, com o que se poderia chamar de encarnações individuais. O que os constitui são as crenças, as tendências e as práticas do grupo tomado coletivamente; quanto

certos “artifícios de método”, que são, segundo Durkheim, imprescindíveis para se observar externamente o fato social em seu “estado de pureza⁵”. O método que permite isolar os fatos sociais das formas que assumem nos casos particulares é a estatística, que oferece representações exatas como as taxas de natalidade, de nupcialidade, de suicídios, etc.⁶:

Pois, como cada uma dessas cifras compreende todos os casos particulares sem distinção, as circunstâncias individuais que podem ter alguma participação no fenômeno neutralizam-se mutuamente e, portanto, não contribuem para determiná-lo. O que esse fato exprime é um certo estado da alma coletiva⁷.

O método de Durkheim é fortemente marcado pelo esforço de deslindar os fenômenos sociais de todo elemento que lhes seja estranho. Nesse movimento, ainda que ele considere as manifestações privadas dos fenômenos sociais como sendo em alguma medida sociais, uma vez que reproduzem parcialmente um modelo coletivo, Durkheim enfatiza que elas dependem muito mais da constituição orgânica e psíquica do indivíduo e das circunstâncias particulares em que ele se situa e por isso denomina-as de “manifestações sociopsíquicas”. Estas constituem um interesse apenas secundário para o sociólogo e não devem ser objeto central da explicação sociológica.

Nesse ponto do argumento de Durkheim, há um esforço por distinguir o caráter coletivo do caráter geral dos fenômenos sociais, que nos permite esclarecer a relação entre indivíduo e sociedade formulada pelo autor. Durkheim considera que a generalidade dos fenômenos sociais deriva de seu caráter coletivo, e não o contrário. Um fenômeno social generalizado se repete entre os indivíduos porque se impõe a eles: “ele está em cada parte porque está no todo, o que é diferente de estar no todo por estar nas partes⁸”. Nesse sentido, há uma clara predominância do social frente aos indivíduos.

Cumpra-se, dessa maneira, a exigência científica de se delimitar de modo preciso o domínio da sociologia. Ele se refere apenas a um grupo de determinados fenômenos, reconhecidos pelo poder de coerção externo exercido ou passível de ser

às formas que assumem os estados coletivos ao se refratarem nos indivíduos, são coisas de outra espécie”. *Ibid.*, p. 6–7.

⁵ *Ibid.*, p. 8.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*

⁸ *Ibid.*, p. 9.

exercido sobre os indivíduos, poder que, por sua vez, se reconhece pela existência de sanção ou de resistência que o fato opõe a qualquer iniciativa individual que tenda a contrariá-lo⁹.

Definidos os fenômenos a serem objetos de estudo da sociologia, o próximo passo do método sociológico defendido por Durkheim é o de estabelecer as regras para a observação dos fatos sociais. “Considerar os fatos sociais como coisas” é a primeira e mais fundamental regra do método. Sua importância advém do fato de que a tendência dos seres humanos é operar com suas noções e não com as realidades a que correspondem, tornando a ideia, e não a realidade, o material de suas especulações. Esta tendência, Durkheim a denomina de “análise ideológica¹⁰”, e sua característica principal é operar de maneira dedutiva, isto é, indo das ideias às coisas e não das coisas às ideias, que é como deve proceder o raciocínio verdadeiramente científico, pela indução.

Os fatos sociais são, para Durkheim, o único *datum* de que dispõe o sociólogo. Ao definir os fatos sociais como coisas, Durkheim enfatiza seu caráter de ser algo dado, que se impõe à observação do pesquisador. Nota-se, nesse ponto, como Durkheim orienta-se pelo padrão das ciências naturais, ao propor que os fatos sociais, o ponto de partida da ciência sociológica, devem ser considerados “em si mesmos, separados dos sujeitos conscientes que os concebem; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, pois é nessa qualidade que eles se apresentam a nós¹¹”, do mesmo modo que um cientista olha para um fenômeno dentro de seu laboratório.

ADORNO CRÍTICO DE DURKHEIM

Logo na primeira aula do curso de Adorno fica patente a especificidade de sua posição, frente à de Durkheim, no que diz respeito ao método. Ao contrário do que tradicionalmente se espera de uma introdução a uma disciplina científica, Adorno anuncia a impossibilidade de se proceder a uma delimitação do campo da sociologia. O procedimento usual, de primeiro se demarcar uma área de determinada ciência para, a partir daí, dividir esta ciência em setores específicos e

⁹ *Ibid.*, p. 10.

¹⁰ *Ibid.*, p. 16.

¹¹ *Ibid.*, p. 28.

em seguida apresentar os seus métodos – procedimento que é, em uma visada geral, aquele realizado por Durkheim nas *Regras do método sociológico* (1895) – é de início recusado por Adorno.

O ideal de conhecimento científico proveniente das ciências naturais, que caracteriza o empreendimento teórico de Auguste Comte e que inspira também Durkheim, e que os leva a estabelecer as bases de suas sociologias sobretudo a partir da continuidade e da coerência, nos mesmo termos da demonstração matemática, ignora a especificidade do objeto da sociologia, a sociedade. Para Adorno, as abordagens baseadas na tentativa de fundar uma ciência social unificada e sistemática “contém em si – de modo inconsciente, pois aqui opera o espírito objetivo – a tendência a excluir pela explicação as contradições constitutivas da sociedade¹²”. É por isso que, na visão de Adorno, a disputa sobre o método na sociologia não se limita a uma questão metodológica, mas está profundamente imbricada ao próprio conteúdo da disciplina, que já se manifesta no conceito de sociedade elaborado por cada corrente teórica.

Aprofundando-se em sua concepção de sociologia, Adorno enfatiza que o tema da disciplina constitui, nos termos de Hegel, uma “má infinitude”, uma vez que, rigorosamente, não há nada que exista no mundo que não seja mediado socialmente e que, portanto, não possa vir a ser objeto de estudos de uma ciência da sociedade. Para Durkheim, como vimos, isso era um obstáculo à consolidação da sociologia enquanto ciência autônoma, uma vez que ela se veria sem um objeto próprio. Daí a necessidade de uma “teoria do objeto” que definisse os fatos sociais como os fenômenos a serem estudados pela sociologia, primeiro passo do método de Durkheim.

Adorno, ao contrário, não busca superar essa “má infinitude” por meio da delimitação de um campo de fenômenos específicos para a sociologia, mas defende que a sociologia se ocupe daquilo que é essencial à sociedade. Embora, como o próprio Adorno advirta, o procedimento da definição seja problemático, especialmente em se tratando de uma apresentação a uma teoria dialética da

¹² ADORNO, Theodor W.; GÖDDE, Cristoph, **Introdução à Sociologia: (1968)**, 1. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2008, p. 55.

sociedade¹³, vale citar uma passagem em que ele adianta uma caracterização do que seria a sociologia para ele:

Se os senhores me perguntarem o que a Sociologia afinal deveria ser, eu diria que deve ser a compreensão da sociedade, isto é: do que é essencial na sociedade. Compreensão do que é, mas no sentido em que tal compreensão é crítica, no sentido em que o que é 'o caso', segundo a expressão de Wittgenstein, seja medido de acordo com o que reivindica ser, para se poder detectar nessa contradição os potenciais, as possibilidades de uma transformação da constituição geral da sociedade¹⁴.

Essencial, aqui, não quer dizer uma abstração vazia, mas precisamente os processos mais fundamentais que estruturam a sociedade. Isso não significa que o sociólogo deve restringir-se ao estudo daqueles fenômenos considerados mais "importantes", os chamados "grandes temas" das ciências sociais, pois para Adorno o essencial, muitas vezes (e talvez hoje mais do que nunca), se manifesta no transitório e naquilo que aparentemente é lateral – desde que o sociólogo tenha como horizonte a compreensão desses aspectos fundamentais.

Especificando o essencial sobre o qual a sociologia deve se debruçar, Adorno localiza-o nas leis objetivas do movimento da sociedade, referentes às decisões acerca dos destinos do homem. Tais leis se apresentam como algo dado, aproximando-se mesmo de uma sina, mas para Adorno consistem justamente naquilo que deve ser transformado, de modo a liberar o potencial de uma nova sociedade, para que esta cesse de ser "a associação coercitiva em que nos encontramos e possa ser diferente¹⁵". O essencial, portanto, tem a ver com as leis do movimento da sociedade, sobretudo aquelas leis que expressam como se chegou à atual situação social e qual a sua tendência. No entanto, Adorno frisa que essas leis objetivas só tem validade quando se expressam em fenômenos sociais, não podendo ser simplesmente deduzidas de conceitos puros. Daí porque a sociologia deva se ocupar também do modo como essas leis se modificam e como elas efetivamente aparecem. Por fim, cabe à sociologia comparar os dois momentos,

¹³ "Uma das características de uma teoria dialética – e a teoria da sociedade cujos fragmentos estou apresentando é dialética – é que, de acordo com Hegel, não se pode resumi-la em uma 'frase' e somente praticando-a pode-se alcançar o que uma tal teoria ou a Sociologia ela própria é ou deve ser. Eu diria que ao proceder assim, cada parcela singular de conhecimento social ou de crítica social contrabalança conceitos gerais, definidores e abrangentes e é essa convicção que sustenta a minha recusa em apresentar uma definição – como já disse antes". ADORNO, Theodor W., **Introdução à Sociologia: (1968)**, 1. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2008, p. 72.

¹⁴ *Ibid.*, p. 71.

¹⁵ *Ibid.*, p. 87.

essência e aparência, conceitos e fenômenos, de modo a conseguir apreender as eventuais discrepâncias entre ambos, devendo ter inclusive a coragem de abrir mão ou de reformular conceitos que sejam incompatíveis com os fenômenos ou não mais auxiliem em sua compreensão.

Como já foi mencionado, Adorno não busca a definição de um objeto, como fez Durkheim, mas procura expor seu conceito de sociedade, que é o cerne de sua teoria social. Novamente, não se trata de um conceito abstrato, definido de maneira rígida pelo pesquisador que tem como objetivo domar o material concreto. Antes, o conceito emerge do próprio material: é a relação da troca mercantil que estabelece o “nexo funcional entre homens socializados”, ou seja, é a relação de troca que torna a sociedade algo social e que constitui a sociedade tanto como conceito, quanto como realidade. É, portanto, a relação de troca que “unifica virtualmente todos os homens participantes desse conceito de sociedade¹⁶”. À acusação, vinda do campo positivista, de que seu conceito de sociedade seria abstrato, Adorno responde que não se trata de uma abstração criada na cabeça do pesquisador, mas justamente, a abstração seria a própria forma específica que o processo de troca assume, uma vez que, nos termos de Marx, a troca de equivalentes pressupõe uma operação de abstração das qualidades daquilo que é trocado, em favor da quantificação do tempo médio de trabalho socialmente necessário para produção dos objetos trocados.

Esse conceito de sociedade vai muito além daquele adotado pelo senso comum (por vezes inclusive um senso comum sociológico), que a concebe como sendo o somatório de pessoas que vivem em uma mesma época, isto é, um conceito de aglomerado meramente quantitativo. A sociedade é, na verdade, um conceito relacional, para o qual o recurso aos elementos individuais é insuficiente. Nesse sentido, Adorno afirma que o conceito de sociedade adotado pela teoria crítica de fato não é um dado tangível, como os positivistas gostariam que ele fosse: “não se pode apontar com o dedo e dizer: isto aqui é a sociedade, aqui posso mostrá-lo como faz um médico ao apontar no tubo de ensaio o causador de uma doença que descobriu¹⁷”.

Diante disso, poderia se chegar à conclusão que o conceito de sociedade de Adorno é semelhante ao conceito durkheimniano, em que a soma das partes individuais não é equivalente ao social. Além disso, ao enfatizar que a sociedade

¹⁶ *Ibid.*, p. 106.

¹⁷ *Ibid.*, p. 111.

não pode, rigorosamente, ser tocada, tal como um objeto que se apresente ao plano dos sentidos, Adorno subscreve à observação de Durkheim, segundo a qual a sociedade só pode ser “sentida” de modo mais imediato nos momentos em que ela se impõe aos indivíduos e oferece resistência às intenções individuais, isto é, aquele momento de coerção destacado por Durkheim em sua descrição dos fatos sociais. De fato, consideração de que a sociedade não pode ser apontada de maneira empírica, mas só pode ser acessada por meio dos fenômenos sociais singulares, ou, se quisermos, pelos *faits sociaux*, entendidos como cifras do social, aproxima Adorno de Durkheim.

No entanto, Adorno se afasta de Durkheim quando considera que este teria levado essa tendência ao extremo, hipostasiando a sociedade, isto é, elevado-a a um grau superior de existência e conferido-lhe uma espécie de vida própria, como ocorre, por exemplo, na noção de “consciência coletiva”. Por meio dessa noção, segundo Adorno, a concepção de ciência de Durkheim – rigorosamente baseada na observação, comparação e classificação de fatos sociais, excluindo qualquer especulação ou opinião acerca deles – seria abalada. A busca durkheimiana pela maior objetividade possível converte-se em uma “espiritualização da objetividade”, já que Durkheim coloca no centro de sua teoria a objetividade da consciência coletiva em lugar da objetividade dos processos sociais básicos. Nesse movimento, Durkheim acaba por atribuir ao coletivo, capacidades e funções abstraídas dos indivíduos concretos, fixando-as como algo anterior aos indivíduos. Ao elevar à substância da sociedade sua consciência, algo que primeiro deveria ser derivado do processo social objetivo, a teoria de Durkheim se vê impossibilitada de distinguir entre uma consciência verdadeira e uma falsa consciência social. Para Adorno, é por meio dessa “espiritualização da objetividade” que o subjetivismo que Durkheim pretendia evitar retorna a sua teoria pela porta dos fundos.

Assim, se por um lado Durkheim foi capaz de reconhecer que os fatos sociais não eram necessariamente fatos percebidos sensorialmente, ao contrário do positivismo extremamente empirista, por outro, ele teria reificado e autonomizado a sociedade, reverenciando-a em sua reificação:

Em outras palavras – e considero isso muito importante para a determinação do conceito de sociedade – omite-se nesta medida que o conceito de sociedade é propriamente um conceito que designa uma relação entre pessoas (...). Ao hipostasiar essa relação como uma ‘realidade de segundo grau’, omite-se que a sociedade é sempre composta por indivíduos e que, sem os indivíduos de que se compõe e entre os quais se faz valer essa relação, o conceito de sociedade seria sem

sentido e absurdo – ora, isso seria absurdo de qualquer maneira. Do mesmo modo haveria também uma falência do conceito de sociedade se ela fosse considerada, por outro lado, reduzida a nada mais do que indivíduos isolados, para além dos quais tudo se resumiria a ruído e fumaça¹⁸.

Nessa crítica, torna-se claro o caráter dialético do conceito de sociedade adorniano. Ele não é nem mero aglomerado de indivíduos, nem algo absolutamente independente a eles; ele só se efetiva através dos indivíduos, mas uma vez que é relacional, não pode ser reduzido a eles; ao mesmo tempo, não pode ser um conceito superior e que existe por si próprio. O conceito de sociedade é, portanto, uma mediação entre duas categorias frequentemente pensadas como sendo contrapostas – indivíduo e sociedade – uma vez que está presente em ambas. Não existem indivíduos que não sejam constituídos socialmente, assim como não existe sociedade que não seja mediada pelos indivíduos.

Uma vez que a sociologia não pode ser definida a partir do objeto devido à “má-infinitude” que caracteriza sua categoria central, a sociedade, Adorno considera dispensável e até mesmo equivocada a separação estrita da sociologia em relação a outros campos do saber; não apenas aqueles como a psicologia ou a economia, cuja proximidade temática com a sociologia é evidente, mas quaisquer campos específicos que se pretende estudar sociologicamente, sejam eles quais forem. Nesse sentido, Adorno advoga por uma sociologia que reconheça a instabilidade de seus objetos e que se proponha a ser uma “não-especialidade”. Para Adorno, a sociologia deve ser “a reflexão acerca de momentos sociais no âmbito de quaisquer campos temáticos; reflexões que vão da simples constatação fenomênica de implicações sociais até a formação de teorias acerca da totalidade social¹⁹”. Desse modo, o papel da sociologia para Adorno é ser uma espécie de autorreflexão das ciências particulares, tendo em vista a totalidade social, atributo mediante o qual ela poderia vir a mitigar a excessiva divisão do trabalho intelectual que caracteriza a ciência moderna. Ela assim o faz não a partir de uma visada geral, que pretende estar acima das ciências particulares, mas aprofundando-se nos campos temáticos específicos.

Enquanto Durkheim, escrevendo no final do século XIX, formulava uma teoria preocupada em legitimar a sociologia no rol das ciências, o exemplo fornecido por

¹⁸ *Ibid.*, p. 118.

¹⁹ *Ibid.*, p. 208.

Adorno expressa a medida em que sua concepção afasta-se da de Durkheim e de sociólogos da tradição positivista. Para Adorno, se o olhar sociológico deve ser capaz de deslindar o nexos social existente em campos temáticos específicos, então ela não pode prescindir nem ignorar os conhecimentos oferecidos por outros ramos da ciência. Assim é que mesmo as contribuições de uma disciplina estritamente individualizante, como a psicologia em sua versão freudiana, podem (e devem) ser incorporada às análises sociológicas.

Para demonstrar a importância da relação da sociologia com outras disciplinas, Adorno mostra concretamente como conceitos centrais da teoria de Freud, como o conceito de “necessidades vitais”, o próprio conceito de “indivíduo” e o de “superego”, trazem em seu cerne momentos sociais. Justamente na camada mais profunda do indivíduo, aquela que tem a ver com a dinâmica pulsional individual, com a qual a psicologia freudiana trabalha, revelam-se elementos coletivos. A respeito disso, Adorno afirma:

Se me permitirem ainda esse excursão, aqui é possível encontrar um tema surpreendentemente dialético em uma teoria concebida de modo tão positivista como o foi a Psicanálise de Freud, o qual certamente teria ficado tão horrorizado diante dessa revelação como ficaria qualquer outro sociólogo positivista de nossos dias. O tema dialético repousa no fato de Freud haver descoberto na elaboração de seu próprio material, genuinamente, que quanto mais profundamente se mergulha nos fenômenos da individuação dos seres humanos, quanto mais irrestritamente se apreende o indivíduo em sua dinâmica e seu resguardo, tanto mais perto se chega àquilo que, no indivíduo, já não é propriamente indivíduo²⁰.

Esta é uma das críticas mais sérias que Adorno dirige à Durkheim: a ausência da dialética entre indivíduo e sociedade na obra do sociólogo francês, que fica patente em seu livro *O suicídio* (1897). Segundo Adorno, ao se estudar o fenômeno do suicídio apenas como um *fait social* – analisável estatisticamente, por meio das taxas de suicídio dentro de determinados grupos específicos da sociedade francesa – e ao se deixar de lado a investigação acerca das maneiras pelas quais os princípios mais estruturais se realizam nos indivíduos específicos, isto é, ao se limitar sua explicação aos elementos sociais, sem pretender dizer algo sobre os mecanismos psicológicos que levam uma pessoa a cometer ou não o suicídio, este fenômeno adquire, na obra de Durkheim, um caráter quase milagroso e até mesmo incompreensível, posto que suscitado exclusivamente pela consciência coletiva. Em

²⁰ *Ibid.*, p. 269.

Durkheim, uma noção positivista de fato social, entendido como as normas morais de uma sociedade, convive com uma noção idealista de consciência coletiva, que transcende a consciência dos indivíduos. Desse modo, segundo a interpretação de Adorno, os conceitos de Durkheim barrariam o exame do processo social de formação e imporiam uma visão simplificada da relação entre a consciência e a realidade objetiva, que impedem o surgimento de uma noção de indivíduo ou de sujeito em sua obra²¹.

Em suma, para Adorno, tanto uma psicologia que considera a sociedade nada mais do que um aglomerado de indivíduos, quanto uma sociologia que esquece a mediação da subjetividade individual nos processos sociais, são igualmente equivocadas. É por isso que desde os primeiros trabalhos empíricos da Escola de Frankfurt, procurou-se associar o conhecimento da psicologia individual à teorização mais ampla e às análises concretas sobre a sociedade.

É importante ressaltar que embora Adorno teça duras críticas ao teor positivista da sociologia de Durkheim, ele, no entanto, reconhece que as concepções científicas do autor tinham muito a ver com o momento histórico em que ele escrevia e com as dificuldades inerentes a sua tentativa de conferir legitimidade a uma ciência relativamente jovem à época. Quanto a isso, é possível notar diversos momentos em que Adorno sublinha a importância da crítica de Durkheim ao materialismo fisiológico e ao empiriocriticismo de sua época por se basearem de modo ingênuo na imediatez dos dados sensíveis²². Isso se nota no *chosisme* de Durkheim, a respeito do qual Adorno nota que, ao abranger o ininteligível e aquilo que é exterior aos indivíduos, consegue perceber um momento importante da socialização: a autonomização daquilo que é produzido pelos homens em relação aos homens.

Ainda que a exigência de um objeto próprio para a sociologia tenha levado Durkheim a hipostasiar a consciência coletiva, tornando-a uma entidade quase inteiramente autônoma dos indivíduos concretos, Adorno considera-o superior à corrente positivista mais ligada ao empirismo, na medida em que sua sociologia sublinha o caráter coisificado da sociedade, tornada algo em si mesma e estranha aos indivíduos, percepção esta que escapa aos positivistas mais rigorosos, que

²¹ Sobre esse ponto, conferir ROSE, Gillian, **The melancholy science: an introduction to the thought of Theodor W. Adorno**, London: Macmillan, 1978, p. 84.

²² ADORNO, Theodor, Introducción a Sociología y filosofía, de Émile Durkheim, in: **Escritos sociológicos I**, Madrid: Akal, 2004, p. 231.

tendem a lidar apenas com a soma das manifestações individuais, generalizadas sob a forma de estatísticas, evidenciando uma concepção puramente intersubjetiva de sociedade²³.

Além disso, se Adorno nota a insuficiência da teoria de Durkheim no que tange à interação recíproca entre o momento social e o momento individual na análise dos fenômenos sociais, ele chama a atenção para o teor de verdade contido nessa falha. Pois, de fato, a cisão entre indivíduo e sociedade presente na obra de Durkheim continua a ser uma lei social de nosso tempo, na medida em que a sociedade não é, ainda, uma sociedade de e para os indivíduos, mas uma associação repressiva de indivíduos. O limite da sociologia durkheimniana, no entanto, reside no fato de que ela ignorava a possibilidade da manifestação consciente e autônoma dos indivíduos em outro tipo de formação social, conferindo à organização social vigente um caráter quase natural e, portanto, imutável.

A atualidade da tese durkheimniana da autonomia das tendências sociais frente às tendências individuais, exposta e verificada de maneira mais cabal no livro *O suicídio*, encontra sua limitação, portanto, no tratamento conferido a esse momento de opacidade das instituições sociais, transformadas na teoria de Durkheim em algo como uma essência da vida em sociedade. Isto o impede de perceber o fenômeno da reificação (apontado por Marx em sua teoria do fetichismo e desenvolvido por Lukács e por Adorno, cada um a sua maneira) enquanto um processo social historicamente localizado, próprio das sociedades capitalistas. É nesse ponto, segundo Adorno, que a tendência apologética da sociologia de Durkheim torna-se mais pronunciada, pois de modo não consciente a teoria de Durkheim acaba ratificando a sociedade vigente e a reificação que ela produz como um dado incontornável. O que é produzido socialmente adquire, em Durkheim, um caráter quase natural:

Ao assegurar o ininteligível no *chosisme* e afirmar que a sociologia encontra seu verdadeiro objeto onde acaba a inteligibilidade Durkheim atinou com um momento muito central da socialização, a saber: a autonomização institucional do que é produzido pelos homens em relação aos homens. Só que ele hipostasia esse momento, ou seja, ele o trata de modo tal que parece que essa intransparência, essa “segunda natureza” das instituições feitas pelos homens e que se autonomizam em relação a eles, está na própria essência da socialização. É nessa tendência que se sustenta a apologia em relação à sociedade vigente, de fato existente como um dos

²³ *Ibid.*, p. 233; *Ibid.*, p. 257.

traços decisivos de Durkheim e que no curso de sua evolução será cada vez mais pronunciado²⁴.

Assim, ao mesmo tempo em que sua sociologia tem o mérito de apontar para a coisificação da vida social, este consiste no ponto cego da teoria de Durkheim, a “fórmula pela qual sua obra está enfeitada²⁵”. É por isso que a sociologia de Durkheim é considerada por Adorno, em última instância, “nem verdadeira, nem simplesmente falsa²⁶”, mas uma projeção ideológica de seu tempo.

Adorno frisa, entretanto, que mesmo essa tendência presente na obra de Durkheim tem seu momento de verdade. Isso talvez fique mais claro se nos remetermos brevemente à antinomia metodológica formada por Weber e Durkheim, que é lida por Adorno como expressão de uma antinomia da própria sociedade capitalista. De acordo com a leitura de Adorno, a sociologia de Weber enfatiza o momento inteligível da ação social e coloca como tarefa da sociologia a compreensão da racionalidade desse tipo de ação, tendo como pressuposto, portanto, a ideia de que os indivíduos são livres e agem racionalmente e que, sendo assim, as instituições sociais são racionais, posto que resultados da ação dos indivíduos. Já a sociologia de Durkheim, como vimos, sublinha o caráter ininteligível dos fatos sociais, que não derivam dos indivíduos, mas são exteriores a eles. A teoria de Durkheim, desse modo, se ocupa com o reino da heteronomia individual: ela reconhece que os indivíduos não são livres, e que as instituições sociais não são transparentes aos sujeitos.

Em que pese seu problema de interpretar uma característica particular à sociedade capitalista como algo essencial, há um momento de verdade na sociologia de Durkheim, que escapa à sociologia weberiana. Embora sustente que os fatos sociais devam ser tomados como coisas, isto é, como dados, e com isso, renuncie a sua compreensão mais profunda, a sociologia de Durkheim aponta para a reificação que caracteriza a sociedade capitalista, ao passo que em Weber há pouco espaço para que ela seja notada. A posição de Weber é correta do ponto de vista abstrato, mas é irrealista diante das relações sociais capitalistas concretas, ao passo que Durkheim descreve corretamente a aparência da sociedade, mas em última instância sanciona o *status quo* da sociedade como um mecanismo de coerção

²⁴ ADORNO, **Introdução à Sociologia**, p. 207.

²⁵ ADORNO, *Introducción a Sociología y filosofía*, de Émile Durkheim, p. 233.

²⁶ *Ibid.*, p. 259.

coletiva²⁷. Segundo a caracterização de Adorno, haveria na teoria de Weber um conforto no que é compreensível, enquanto a sociologia de Durkheim poderia ser definida por certo conforto no incompreensível. A partir dessa antinomia, Adorno considera que a tarefa fundamental da sociologia crítica seria justamente entender essa resistência da sociedade em se fazer compreender como o resultado de um processo social em que as relações entre os indivíduos se tornaram cada vez mais independentes destes e que agora se lhes aparecem como algo inteiramente diferente deles. A sociologia crítica não poderia nem se contentar com o que é imediatamente compreensível, nem considerar o incompreensível um limite insuperável, mas se esforçar por *compreender o incompreensível*²⁸.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. Society. **Salmagundi**, Trad. F. R. Jameson. n. 10/11, p. 144–153, 1969.

ADORNO, Theodor. Introducción a Sociología y filosofía, de Émile Durkheim. *In: Escritos sociológicos I*. Madrid: Akal, 2004, p. 228–259.

ADORNO, Theodor W. **Introdução à Sociologia: (1968)**. 1. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo (SP): Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DURKHEIM, Émile; CUNHA, Cilaine Alves MUSSE, Ricardo. **Fato social e divisão do trabalho: apresentação e comentários Ricardo Musse**. São Paulo: Ática, 2007.

LEPENIES, Wolf. **As três culturas**. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: USP, 1996.

ROSE, Gillian. **The melancholy science: an introduction to the thought of Theodor W. Adorno**. London: Macmillan, 1978.

VASCONCELLOS, Caio Eduardo Teixeira. **O Moloch do presente: Adorno e a crítica à sociologia**. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

²⁷ ROSE, **The melancholy science**, p. 83.

²⁸ ADORNO, T. W., Society, **Salmagundi**, n. 10/11, p. 144–153, 1969, p. 147.